



Fabrício Andrade\*

# Doação de sangue e compromisso com a vida

O fascínio humano acerca da capacidade curativa do sangue tem suas raízes atreladas à sua própria história evolutiva. Por vezes a ludicidade serviu como um instrumento de percepção intuitiva acerca do potencial vitalizante presente neste “fluido orgânico”. Sob esta perspectiva, egípcios antigos banhavam-se em sangue, aristocratas o bebiam, a humanidade moderna o transfunde.

**“Diante de uma eventual necessidade de transfusão de sangue (...) é vital que os estoques de hemocomponentes sejam continuamente abastecidos com a solidariedade que ‘corre na veia’”**

O ano de 1492, marca documentalmente a primeira tentativa de se salvar uma vida humana por meio de recurso hemoterápico. Três homens jovens foram submetidos a sangrias no intuito de tentar salvar a vida do Papa Inocêncio VII, acometido por um grave ferimento. Fatidicamente, os quatro vieram a falecer mas o episódio marcou a história transfusional por ter sido a primeira tentativa de infusão sanguínea para fins terapêuticos.

Ao traçarmos um breve histórico do percurso da terapia transfusional no mundo, pode-se perceber a existência de um período empírico que vai até o ano de 1900 e um período científico, que se inicia a partir de então, quando Karl Landsteiner descobre os grupos sanguíneos e torna-se pioneiro na prática bem sucedida da transfusão de sangue de um doador hígido para um doente.

Sob uma ótica mais ampliada, o caráter técnico da hemoterapia serve de base para as várias expressões simbólicas do sangue tais como o viés espiritual, emocional, religioso, cultural, jurídico, moral, político, altruísta e humanístico.

O artigo 199, parágrafo 4, da Constituição de 1988 dispõe sobre as condições e requisitos para o uso e remoção de órgãos, tecidos e substâncias humanas para fins médicos. Contudo, a regulamentação final deste artigo só se deu em 2002, tendo sido aprovada a proibição da doação gratificada de sangue, conceituando a remuneração dos serviços através da cobertura de custos de processamento.

Eis que a legislação determina, portanto, uma nova perspectiva ao iniciar a prática da doação voluntária de sangue e proporciona o surgimento de uma nova logística que, mesmo despretensiosamente, gera um ambiente legal favorável à disseminação de atitudes solidárias. Tal jurisprudência parece entrar em sintonia com o espírito altruístico inerente ao povo brasileiro.

Diante de uma eventual necessidade de transfusão sanguínea, não há substitutos terapêuticos medicamentosos. Assim sendo, é vital que os estoques de hemocomponentes dos Hemocentros sejam continuamente abastecidos com a solidariedade que “corre na veia”. E sob

este aspecto, como brasileiros ainda temos um caminho a percorrer até chegarmos ao status de sustentabilidade. A demanda por sangue para fins terapêuticos é contínua, intensa e crescente. Faz-se necessário, portanto, que os hemocentros estaduais estejam em constante alerta para manter seus estoques em quantidade e variedade de tipos sanguíneos.

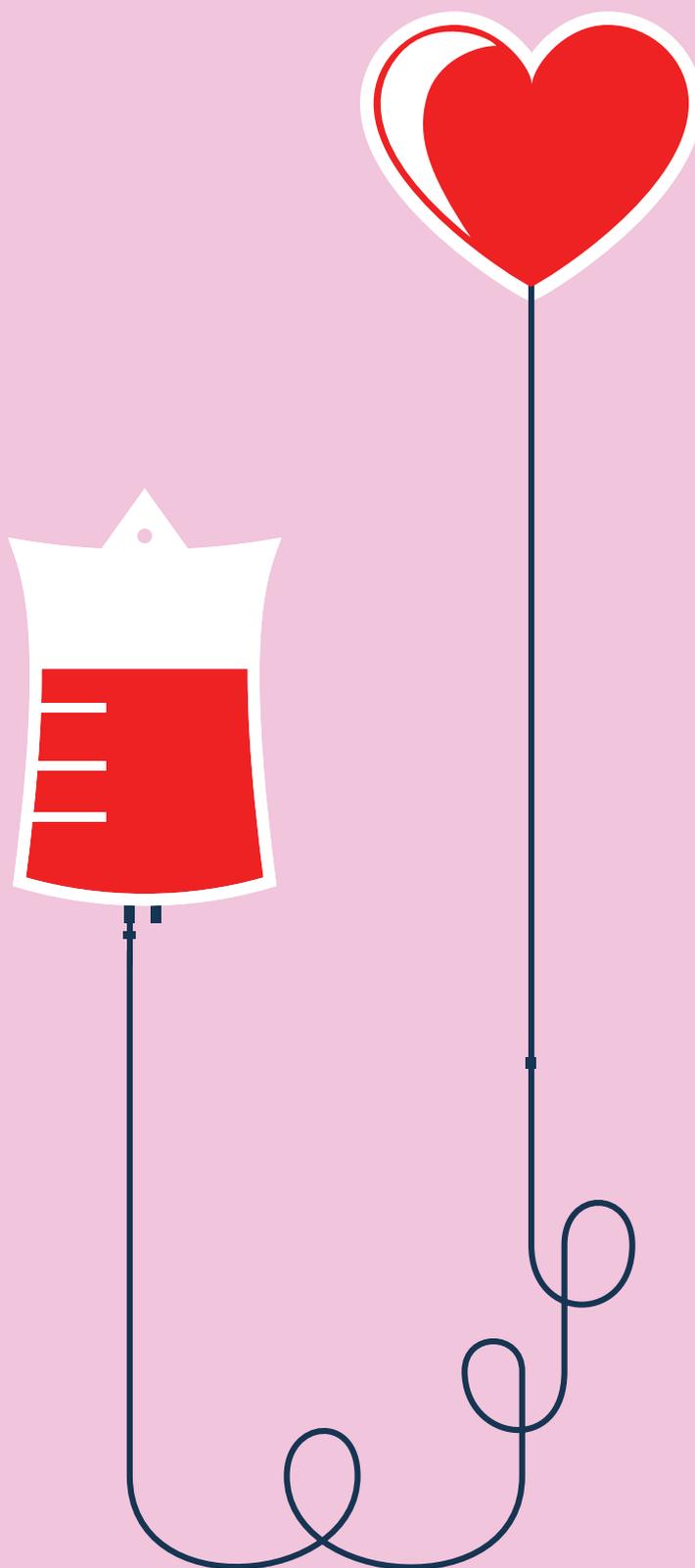
Dados da ONU (Organizações das Nações Unidas) demonstram que o Brasil, apesar de coletar o maior volume em termos absolutos na América Latina, doa proporcionalmente menos do que outros países da região, como Argentina, Uruguai ou Cuba. Não significa, contudo, que o nosso país doe pouco, mas que poderia doar mais.

Neste contexto, percebe-se que as estratégias traçadas pelas políticas públicas que visam o fomento à prática de doação de sangue têm sido insuficientes para suprir esta demanda por sangue tão intensa e diversificada. Novas tecnologias têm sido adotadas com impactos positivos tais como a possibilidade de consulta do estoque de sangue de alguns hemocentros em tempo real por meio de sites institucionais e o surgimento de aplicativos que criam uma rede de doadores por localidade e por necessidade de tipos sanguíneos específicos.

Estratégias de educação em saúde disseminadas e sintonizadas às nuances das culturas regionais podem ser um grande diferencial para aumentar a nossa capacidade coletiva de salvar vidas por meio da doação de sangue. Estudos têm demonstrado que fomentar a formação profissional sob a ótica humanística tem um efeito duradouro.

Especialistas citam que a falta de conscientização da população seja um dos principais limitadores para o aumento da doação de sangue no Brasil. Eles defendem que campanhas de incentivo à doação sejam feitas desde os primeiros anos de vida e que o assunto seja discutido nas escolas para reverter o atual cenário.

Criar uma cultura de práticas humanísticas em saúde talvez seja a via para a resolução desta insipiente oferta hemoterápica visível em nível nacional. ■



\* Mestre em Bioquímica, Doutor em Biologia Aplicada à Saúde e mestre em Biomedicina pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor do curso de Biomedicina da Asces